

# Panorama dos impactos da pandemia COVID-19 na reciclagem inclusiva no Brasil

Por Sonia Dias, Ricardo Abussafy, Juliana Gonçalves,  
João Pedro Martins – Junho 2020



*Parcerias com cooperativas tais como COMARP, em Belo Horizonte, Brasil (nesta imagem antes da crise COVID-19) podem garantir acesso a medidas emergenciais de segurança alimentar. Fotografia de Julian Luckham.*

**O** Brasil experimentou um período de grande inovação no setor de resíduos sólidos em relação à implementação de políticas públicas de caráter inclusivo que abrangeu as primeiras experiências de coleta seletiva solidária dos anos 1990 em cidades como Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Diadema, dentre outras com as primeiras experiências de programas municipais de coleta seletiva solidária envolvendo associações e cooperativas de catadores. O trabalho de catação destas trabalhadoras e trabalhadores, historicamente informal, desenvolveu-se para relações formais com o poder público a princípio através de convênios e, posteriormente, através de contratos de prestação de serviços.

Durante o período de 1998 a 2010, as políticas públicas no nível local, estadual e nacional tiveram grande influência dos princípios do Fórum Nacional Lixo e Cidadania (FNLC) e programas de coleta seletiva se expandiram para outras cidades, bem como políticas públicas de fomento e apoio aos catadores nos níveis nacional e estadual foram implementadas. Ainda nesse período foi criado em 2001 o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR, que se consolida como entidade representativa dos catadores.

Trabalhando por conta própria (em sua maioria, vinculados aos sucateiros) ou organizados em associações e cooperativas, os catadores de material reciclável são descritos como aqueles que “*catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não-ferrosos e outros materiais reaproveitáveis*” (MTE/CBO). Desde 2002 o Classificação Brasileira de Ocupações

Nota: Esta Nota é uma versão resumida dos principais achados do relatório. Agradecemos à Jacqueline Rutkwski (Observatório da Reciclagem Inclusiva) e Heliana Kátia Tavares Campos (Associação Brasileira de Engenharia Sanitária) pelas contribuições na revisão do relatório original.

(CBO) reconheceu a profissão e inseriu a ocupação “catador de material reciclável” no registro nacional. A partir desse registro, é possível identificar a ocupação de catador nas bases de dados públicas disponíveis e termos séries históricas e análises do fenômeno da catação no Brasil com uma riqueza de dados inimaginável décadas atrás, embora alguns analistas apontem a necessidade de refinamento destes dados oficiais existentes. O Censo Demográfico de 2010 apontou um número entre 400 a 600 mil catadoras e catadores e que aproximadamente 30,3 mil estavam organizados em 1.175 cooperativas ou associações (IPEA, 2012). O MNCR apontou que naquele mesmo ano havia cerca de 800 mil catadores no país. No entanto, observa-se que as pesquisas realizadas para alimentar os dados as bases públicas de dados Censo e PNAD não identificam a população de catadores que vivem nos lixões ou que moram nas ruas devido seu caráter domiciliar. Como aponta Dias (2011), a relevância dos catadores (organizados e autônomos), qualquer o tamanho que a categoria represente na população, se dá principalmente em função do seu papel enquanto trabalhador essencial na cadeia de reciclagem no Brasil, principalmente pelo número ainda reduzido de programas municipais de coleta seletiva no país.

A reciclagem dos resíduos sólidos pode ser uma oportunidade para as cidades atingirem seus objetivos estratégicos de sustentabilidade, proteção ao meio ambiente, inclusão produtiva e governança participativa. Nesse sentido, a noção de reciclagem inclusiva tem orientado a implementação de programas municipais de coleta seletiva com inclusão de associações e cooperativas de catadores aqui denominados de programas de reciclagem inclusiva. Uma demanda histórica dos catadores brasileiros é o reconhecimento do seu trabalho e sua contribuição como ator relevante nos sistemas de coleta seletiva nas cidades e na cadeia de valor da reciclagem nacionalmente.

O crescente número de trabalhadores envolvidos na catação - muitos deles desempregados que vislumbram nessa atividade uma estratégia de sobrevivência, principalmente em tempos de crise – obriga à realização de pesquisas e levantamentos que possibilitem aprofundar o conhecimento sobre a complexidade do perfil dos trabalhadores da cadeia de reciclagem, e que permitam conhecer como crises econômicas e de saúde afetam os sistemas de coleta seletiva e as cooperativas de catadores, já que estas desempenham um papel crucial no sustento dos catadores e suas famílias. A capacidade dos sistemas urbanos de

resíduos sólidos de gerar trabalho decente é crucial no contexto de aumento das populações urbanas e de crises econômica e sanitária como a recente crise.

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde – OMS declarou o estado de pandemia do COVID19, a WIEGO começou prontamente a atuar e desenvolver diversas atividades. A partir do início da situação da crise sanitária global, a WIEGO passou a monitorar e documentar os impactos do vírus nos 2 bilhões de trabalhadores informais no mundo entre eles catadores, vendedores ambulantes, empregadas domésticas e trabalhadores domiciliares. Logo, foram desenvolvidos mapeamentos rápidos, notas técnicas e cartazes informativos tanto para as comunidades técnicas quanto para as trabalhadoras e trabalhadores, e, conseqüentemente, incidindo nas agências multilaterais para advogar por renda básica, políticas de segurança alimentar, acesso à equipamentos de proteção e etc. Desse modo, a WIEGO, desde o início da crise sanitária global, atua no apoio às organizações de base nos níveis local, nacional e global.

Assim, em março o Time Brasil da WIEGO iniciou um processo de monitoramento de notícias sobre os impactos da pandemia nos sistemas de coleta seletiva das cidades e no universo das cooperativas e associações de catadores, bem como das medidas emergenciais implementadas por governos e outros atores.

Concomitantemente, a ABIPHEC - Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos, iniciava seu levantamento sobre a operação das cooperativas no âmbito de seu Programa Dê a Mão para o Futuro. Esse levantamento serviria de base para o desenho de sua política de apoio emergencial às 150 cooperativas participantes.

O monitoramento e análise de notícias realizado pela WIEGO e os dados levantados e compilados pela ABIHPEC apresentam-se como roteiro para desenhar este panorama da reciclagem inclusiva no Brasil. Conscientes da importância de termos uma linha de base dos impactos do COVID-19, os autores deste estudo cruzaram estas informações, considerando os sistemas de coleta seletiva e os impactos socioeconômicos nas cooperativas e na vida das catadoras e catadores, complementando com um levantamento sobre as condições de saúde e bem-estar de cada indivíduo.

A atual pandemia traz desafios singulares para o setor de resíduos sólidos em geral, formal, informal ou para o setor da reciclagem popular (cooperativas). Os desafios

enfrentados pelos catadores são agravados pela maior vulnerabilidade desse setor em função dos ambientes de trabalho insalubres (seja em lixões a céu aberto, na rua sem proteção, ou galpões de triagem improvisados), pela dificuldade de acesso e ou ausência de capacitação para o uso de equipamentos de proteção individual, entre outros. A atual pandemia acrescenta, assim, uma camada extra de vulnerabilidade aos catadores de uma maneira geral. O monitoramento dos impactos e tendências das ações de respostas às demandas imediatas sob um contexto desconhecido pode orientar o desenho das intervenções de ajuda emergencial, bem como, as ações de recuperação “pós-COVID-19”.

O presente relatório se estrutura em duas partes independentes, mas inter-relacionadas. **Na primeira parte** traça-se um panorama das principais tendências nos sistemas municipais de coleta seletiva e medidas de apoio aos catadores nas cooperativas e autônomos via o Monitoramento de Notícias da WIEGO.

**A segunda parte**, apresenta uma análise sobre o panorama proposto, a partir de dados e informações levantados junto às cooperativas e associações de

catadores de material reciclável, participantes do Programa Dê a Mão para o Futuro, durante o período de pandemia da COVID-19 no Brasil. Foram definidos três eixos de análise para compor este panorama:

- 1) Situação de funcionamento das cooperativas de catadores durante a pandemia COVID-19;
- 2) Impactos no mercado de comercialização de materiais recicláveis a partir de cooperativas de catadores durante a pandemia COVID-19; e
- 3) Situação de saúde de catadores durante a pandemia COVID-19.

Para isto, os dois primeiros eixos utilizaram como fonte de análise a compilação de gráficos resultantes da base de dados de monitoramento levantados pelo Programa Dê a Mão para o Futuro. O terceiro eixo de análise teve seus dados levantados pelos autores deste estudo, utilizando as mesmas cooperativas e associações de catadores.

Por fim nas conclusões apresentamos algumas recomendações tendo como referência tanto as ações emergenciais quanto o cenário “pós-COVID-19”.

## Parte 1: Panorama das Tendências (tracking system) – sistema de coleta seletiva urbana

Este monitoramento de notícias teve como ponto de partida uma compilação inicial elaborada pelo Time Brasil da WIEGO. Esta compilação iniciada logo no começo da pandemia com o objetivo de identificar, no decorrer dos acontecimentos, as mudanças nos sistemas de coleta seletiva, bem como os impactos sobre a vida e o trabalho dos catadores e para mapear as medidas de proteção social de suporte aos mesmos.

Tendo como ponto de partida um sistema pré-existente de Google Alerts<sup>1</sup> aliado ao monitoramento de notícias compartilhadas em grupos de WhatsApp (por especialistas e ou por especialistas e catadores) e de “newsletters” (Web-Resol), elaborou-se uma tabela Excel tendo como eixos de monitoramento aspectos de proteção social e informações sobre o sistema de coleta seletiva na sua interface com catadores (cooperados e autônomos).

Foram examinadas cerca de 130 notícias veiculadas em jornais, rádios, grupos e perfis de cooperativas

no Facebook e canais de YouTube. Dentre a seleção bruta das notícias, foram selecionadas, pelo critério de conteúdo, 86 notícias-chave para figurar numa segunda planilha de Excel organizada por regiões e cidade para análise de tendências.

O levantamento foi realizado entre os dias 15 de março e 15 de maio, visto que foi neste período que os casos de COVID-19 começaram a surgir nas maiores cidades do país e que os governos locais e federal começaram a tomar as primeiras medidas relacionadas à crise e criar comitês de enfrentamento. É importante ressaltar que foi durante este período que os órgãos de limpeza urbana, bem como as cooperativas e suas redes e empresas do setor saneamento começaram a tomar as primeiras medidas de prevenção de riscos e de decisão sobre a manutenção das atividades de coleta seletiva.

A figura abaixo sumariza essas principais tendências encontradas em relação à coleta seletiva na sua interface com os catadores.

<sup>1</sup> Palavras chave: catadores, catadores de materiais recicláveis, catadores de lixo, carroceiros.

As principais tendências captadas no monitoramento de notícias que corresponde à fase inicial da crise do COVID-19 incluem a suspensão total do sistema de coleta seletiva, suspensão parcial e manutenção da coleta seletiva.

No que concerne ao funcionamento dos galpões de triagem das cooperativas de catadores, observou-se a paralisação completa das operações como principal tendência, mas também abordagens distintas, como a suspensão parcial da coleta (ou introdução de pontos voluntários de material reciclável) ou manutenção

das operações com introdução de protocolos de segurança. Observou-se inicialmente a adoção de estratégias de mitigação da crise econômica, tais como políticas de segurança alimentar através de cestas básicas para famílias de trabalhadores afetados e, em alguns municípios, a aprovação de renda básica. Como medidas mais elaboradas, observou-se também um desenho de estratégias de coordenação de atores para uma melhor resposta à crise, envolvendo políticas de proteção social e estratégias a médio-prazo para redução de danos para os trabalhadores.<sup>2</sup>

**Figura 1: COVID-19: Tendências Reciclagem Inclusiva**



<sup>2</sup> Um relato detalhado das tendências pode ser encontrado no relatório original do panorama.

## Parte 2: A situação de cooperativas de catadores durante a pandemia COVID-19

### Metodologia

A base de dados sobre cooperativas de catadores de materiais recicláveis que se apresenta neste estudo foi obtida junto ao Programa Dê a Mão para o Futuro, que integra mais de 150 cooperativas em sua plataforma de parceria. Este Programa se caracteriza por ser um Sistema de Logística Reversa de Retorno de Embalagens Pós-consumo, priorizando a participação das cooperativas de catadores como o elo desta cadeia produtiva responsável pela coleta, recepção, triagem, valorização e comercialização dos materiais recicláveis, garantindo assim a sua destinação correta à indústria de reciclagem.

Foram criados três questionários temáticos e semiabertos criados a partir da plataforma on-line Google Forms:

- 1) Questionário sobre situação de funcionamento das cooperativas de catadores durante a pandemia COVID-19;
- 2) Questionário sobre valor de venda dos materiais recicláveis a partir de cooperativas de catadores durante a pandemia COVID-19;
- 3) Questionário sobre situação de saúde de catadores durante a pandemia COVID-19.

Importante ressaltar que as unidades de análise são cooperativas de catadores de materiais recicláveis e não o catador cooperativado individualmente. Portanto, os resultados que apresentam informações individuais, como por exemplo, o número de catadoras ou catadores com casos suspeitos ou confirmados de

COVID-19, bem como casos de violência doméstica ou sofrimento mental, são baseados nas declarações das diretorias das cooperativas e não partem de uma consulta a cada cooperado. Significa também, por outro lado, que outros casos podem ter ocorrido sem a ciência das diretorias das cooperativas, principalmente nos casos em que estas instituições se encontram com as operações fechadas devido aos decretos municipais de isolamento social e suspensão de atividades não essenciais.

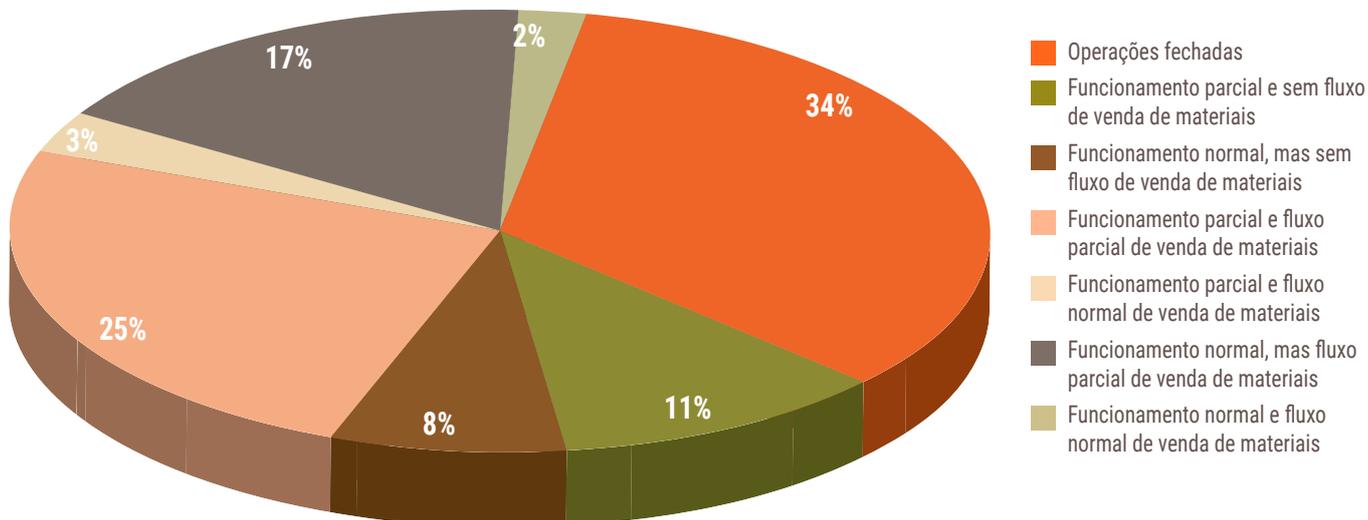
### Descrição e análise dos dados

O levantamento dos dados se estabeleceu na ocasião dos primeiros relatos de interrupção temporária da coleta seletiva e suspensão das operações de algumas cooperativas ocorridos na segunda quinzena de março. Com os decretos municipais e estaduais instituindo a necessidade de isolamento social e suspensão de serviços não essenciais, as atividades de coleta de resíduos recicláveis e de triagem manual foram suspensas em diversos municípios brasileiros.

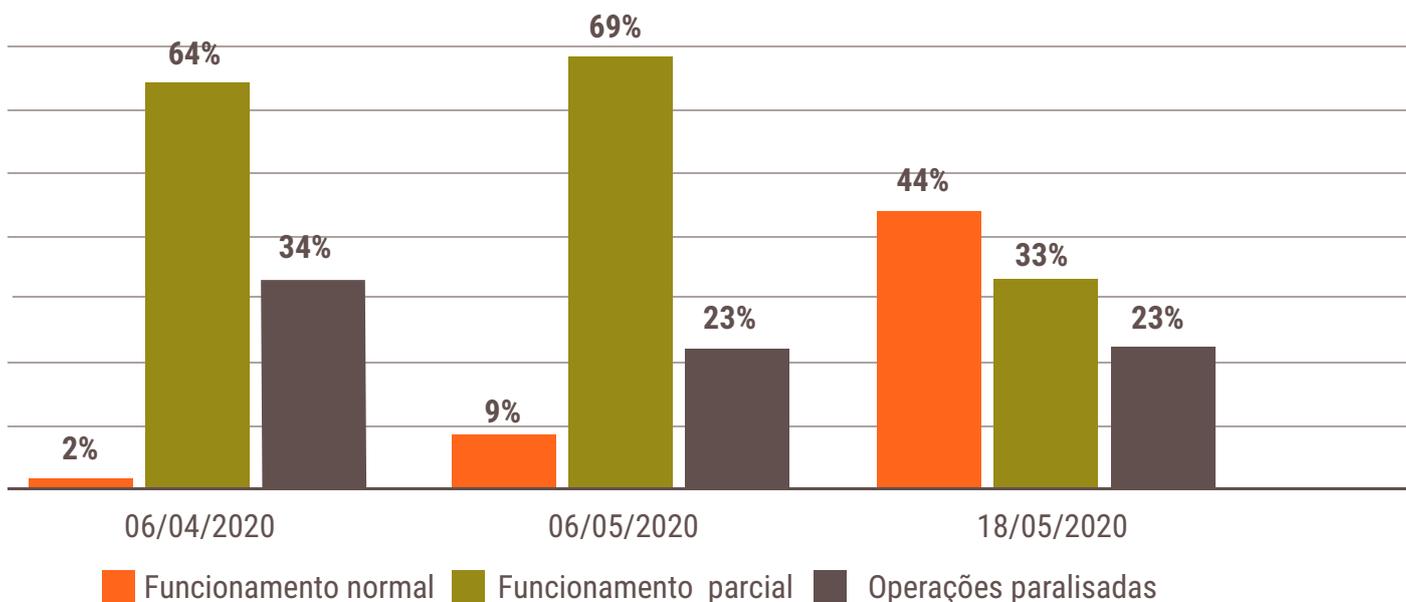
#### **Situação de funcionamento das cooperativas durante período da pandemia COVID-19**

O primeiro levantamento ocorreu entre os dias 30/03/2020 e 06/04/2020 e demonstrou que, das 140 cooperativas que contribuíram com informações, 34% estavam com suas operações encerradas, enquanto 64% operavam parcialmente e apenas 2% ainda conseguiam manter a normalidade em suas operações. No gráfico abaixo, é possível ainda identificar as diferentes categorizações sobre a parcialidade de funcionamento:

**Figura 2: Situação de operação das cooperativas participantes do DAMF**



**Figura 3: Situação de funcionamento de cooperativas de catadoras e catadores - COVID-19**



No gráfico seguinte, pode-se acompanhar a evolução sobre o status de funcionamento das cooperativas em três períodos diferentes, desde o início das medidas de distanciamento social e quarentena.

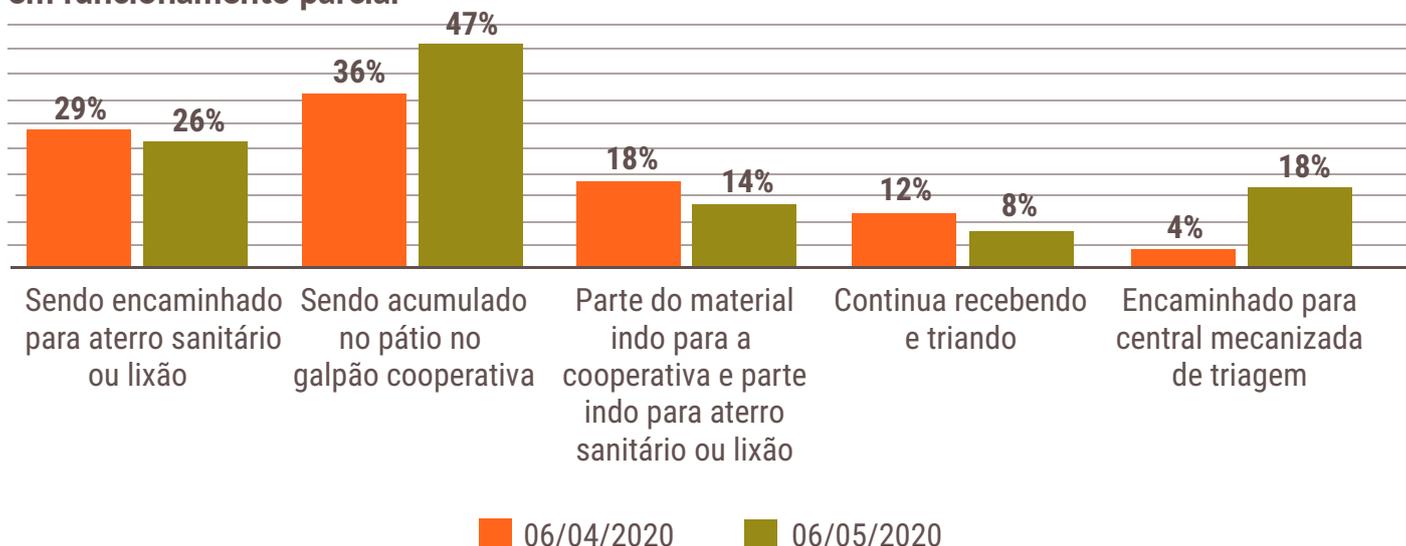
As cooperativas que estão com seu funcionamento normal evoluíram de 2% do total para 44%, desde o início de monitoramento, no entanto, as cooperativas com operações encerradas eram de 34 %, sendo estabilizada em 23% nos dois registros seguintes. Deduz-se, portanto, que a maior parte das cooperativas que evoluíram para a normalização de suas operações são, em sua maioria, provenientes dos grupos de cooperativas que estavam com funcionamento parcial, caindo de 69% para 33% no período.

Com o cancelamento dos serviços de coleta seletiva, tornou-se urgente identificar a destinação dos materiais recicláveis que não estavam mais sendo coletados. Nos

municípios em que a coleta não foi paralisada, mas nos quais as cooperativas tiveram suas operações fechadas temporariamente, colocava-se o mesmo problema sobre a destinação do material. No levantamento junto às diretorias das cooperativas ou técnicos que prestam assessoria técnica às mesmas, foi perguntado sobre a destinação dos materiais recicláveis para as cooperativas que tinham seu funcionamento parcial ou encerrado, obtendo os seguintes dados:

Duas informações se destacam neste gráfico. Na primeira, a estratégia de acumulação do material no pátio ou dentro do galpão da cooperativa aumenta de 36% para 47% na comparação. Este dado pode significar que processos de quarentena do material antes de realizar a triagem pode ter se intensificado e, ainda, que cooperativas paralisadas podem continuar recebendo os recicláveis coletados para posterior triagem e comercialização.

**Figura 4: Destinação dos materiais em casos de cooperativas paralisadas ou em funcionamento parcial**



## Protocolo de prevenção e mapeamento sobre casos de catadores com COVID-19

No terceiro levantamento realizado, sobre a saúde dos catadores e estratégias de prevenção de contágio dentro das centrais de triagem, foi possível sistematizar quais protocolos de prevenção estão sendo adotados nas cooperativas. Nestes protocolos estão práticas de higiene pessoal e do ambiente de trabalho, práticas de proteção como uso de EPI's (Equipamentos de Proteção Individual), e práticas de distanciamento social, como afastamento de trabalhadores inseridos nos grupos de risco e, ainda, divisão de grupos para refeição, entre outros que se observam no gráfico:

**Figura 5: Protocolos de prevenção de contágio**



já que o vírus pode permanecer de 24 até 72 horas nas superfícies das embalagens descartadas (ABES, março de 2020).

Como resultado destes protocolos de prevenção, até a data de fechamento do último levantamento

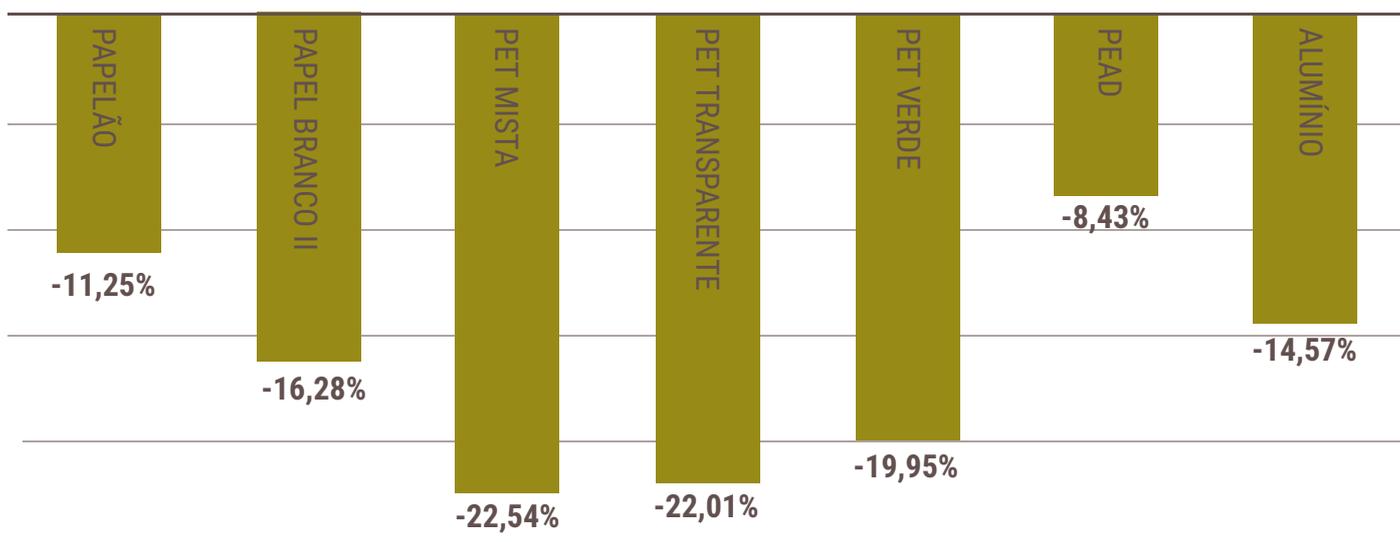
**Figura 6: Casos de COVID-19**



<sup>3</sup> O SUS vem sendo a principal estrutura institucional de saúde na orientação de protocolos de atendimento e manejo terapêutico durante o surto do COVID-19 no Brasil, já que sua malha de atendimento é extremamente ampla e capilar. Conforme seu PROTOCOLO DE MANEJO CLÍNICO DO CORONAVÍRUS (COVID-19) NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE, ao manifestar qualquer sintoma o usuário do SUS deve entrar em contato telefônico para que seja avaliado por um médico e então tenha sua situação encaminhada corretamente. São encaminhados para atendimento presencial em suas unidades apenas casos que manifestem, por exemplo, sintomas de dificuldade de respiração. Esta medida foi adotada para evitar aglomerações das unidades do SUS e prevenir o contágio em massa de seus usuários. Este protocolo justifica a baixa incidência de testes, mas não significa falta de atendimento e orientações corretas. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/20/20200318-ProtocoloManejo-ver002.pdf>. Acesso em: 01/06/2020.

Destaca-se a quase totalidade de adesão das cooperativas aos três primeiros protocolos considerados essenciais (uso de EPI's, assepsia e higiene pessoal e orientação de prevenção aos cooperados). Os dois protocolos subsequentes ainda apresentam alta adesão, ficando acima dos 75% as cooperativas que lavam diariamente com hipoclorito refeitórios e banheiros e as que adotaram o afastamento de grupos de risco, como pessoas acima de 60 anos ou com comorbidades (doenças crônicas como diabetes, doença pulmonar crônica e imunodeficiência). Faz-se, todavia, um alerta sobre a taxa de adesão à prática de quarentena de materiais. Com o ciclo normal de recebimento de triagem dos materiais, aumenta-se o risco de contágio,

**Figura 7: Comparativo entre percentuais de queda no valor de venda por tipo de material (%)**



Vale ainda ressaltar que, nas situações em que cooperativas estão fechadas, pode ter havido mais casos suspeitos, mas que não foram notificados para suas diretorias. Estes casos declarados foram registrados em 15 municípios, em que a maior ocorrência foi em Londrina, estado do Paraná, com 16 casos suspeitos e nenhum confirmado por teste. Em segundo lugar aparece o município de Belém (Pará), com 10 casos suspeitos e também nenhum confirmado, Porto Alegre (Rio Grande do Sul) aparece em terceiro com 6 casos suspeitos entre os catadores cooperativados que participam do Programa Dê a Mão para o Futuro.

### **Impactos econômicos e estratégias de subsistência de catadores durante a pandemia COVID-19**

Saúde e economia sofrem impactos perceptíveis durante o atual contexto de pandemia. Com a saúde da população em risco, a economia deve dar lugar à preservação das vidas para também conseguir manter-se. Com a necessidade de fechamento de serviços e mercados não essenciais para manutenção e preservação da vida, é preciso absorver seus impactos econômicos. Neste contexto, os grupos mais fragilizados financeiramente acabam por ser mais afetados, salvo se existir um plano de suporte financeiro e econômico durante a pandemia. Um exemplo é o das cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis que excepcionalmente possuem capital de giro para sustentar seu negócio, ou para remunerar seus cooperados durante uma baixa de mercado. Com o encerramento ou comprometimento das operações e com dificuldades para venda de seus materiais, as cooperadas e cooperados perdem sua renda mensal de súbito.

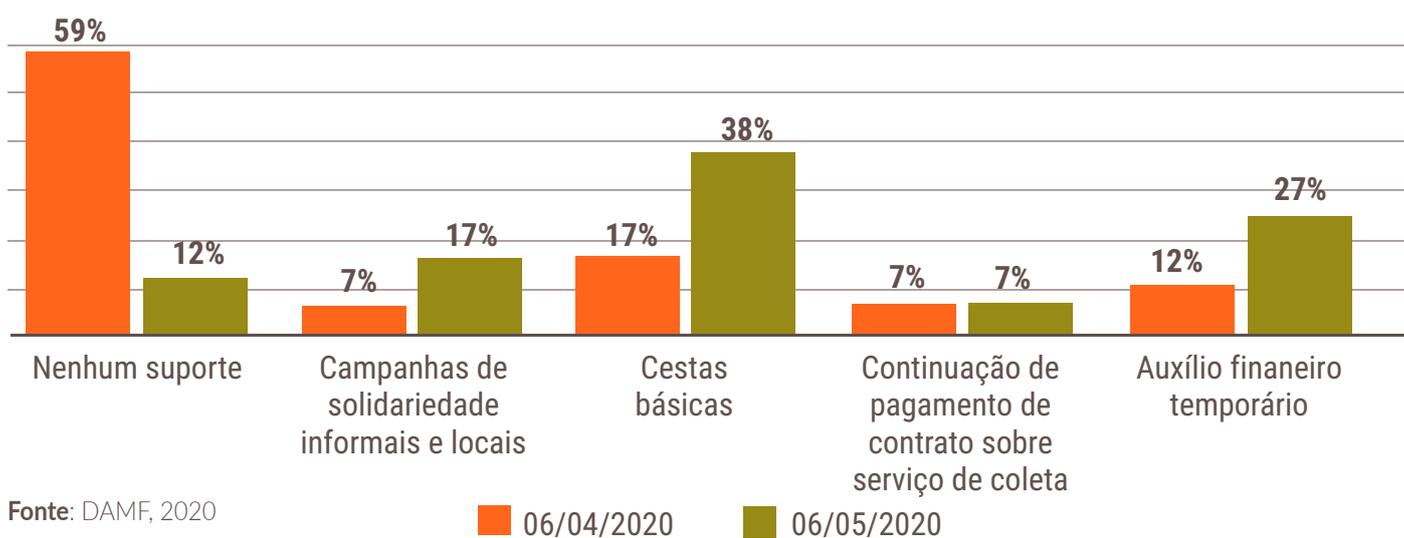
Para cooperativas que mantêm suas operações em nível parcial ou mesmo normal, a dificuldade se concentra na baixa do valor de venda dos materiais.

Algumas cooperativas declaram não haver comprador para alguns de seus materiais, devido à queda de consumo e de *commodities*. Foi realizado um primeiro levantamento sobre valor de venda dos materiais que ainda possuem mercado. Os níveis de queda no valor por quilograma de cada tipo de material chegam a mais de 20%, como se observa no gráfico:

Com as dificuldades de manter o funcionamento das cooperativas, diminuição ou até interrupção de coleta, mais a queda no valor de venda dos materiais, e até, em alguns casos, a interrupção de demanda de compra, em alguns casos, as cooperativas encontram-se numa situação econômica crítica, talvez mais grave do que durante a crise econômica de 2008. Com a baixa no valor dos materiais recicláveis no mercado de *commodities* e a diminuição de consumo, as cooperativas, pela sua fragilidade financeira, ficam refém das baixas de mercado por necessitarem vender seu material ao preço que lhe é oferecido (SOUZA, 2013). Durante a crise econômica de 2008, as grandes baixas no valor dos materiais, ocasionaram a debandada dos catadores para outros mercados também informais. Cooperativas absorveram uma retração significativa de sua produtividade, de sua saúde financeira e, conseqüentemente de seu corpo de associados.

Na crise atual, acrescenta-se o fato que muitas das restrições necessárias, impediram inclusive o funcionamento de fábricas e, até mesmo, a restrição de trânsito de caminhões em estradas se não estivessem transportando mercadorias essenciais, como no caso do estado de Santa Catarina que fechou suas divisas. Este acontecimento, por exemplo, causou não apenas uma baixa no valor de venda dos materiais, como também a própria interrupção desta venda, levando alguns faturamentos a zero.

**Figura 8: Tipos de suporte às catadoras e aos catadores durante COVID-19**



Fonte: DAMF, 2020

Diante deste cenário, cooperativas e seus apoiadores iniciam então mobilizações para diferentes suportes de subsistência como os que se observa no próximo gráfico:

Nota-se que o número de cooperativas que declararam não haver nenhum suporte a seus trabalhadores diminuiu significativamente do segundo período levantado. Na distribuição deste crescimento de suportes do primeiro para o segundo período, um aumento mais significativo verifica-se sobre doação de cestas básicas alimentares. Diversas campanhas angariaram tais cestas básicas, no entanto, deve-se destacar que o resumo de suportes para subsistência a partir apenas de cestas básicas não elimina os problemas financeiros das famílias envolvidas que possuem gastos como aluguel residencial, contas a pagar, remédios a comprar, etc.

Outro item que se destaca é o aumento de cooperativas que declararam que seus trabalhadores tiveram acesso a algum tipo de auxílio financeiro temporário. Este crescimento trata sobre auxílio de renda mínima disponibilizados por municípios, estados e pelo governo federal. No terceiro levantamento de informações realizado, sobre a situação de saúde dos catadores durante a COVID-19, perguntou-se mais apuradamente quantos catadoras e catadores tiveram acesso ao auxílio emergencial proveniente do governo federal que seria direito de todos aqueles trabalhadores. **Dos 4.391 catadores declarados, 2.531 (58%) receberam tal benefício** (pesquisa realizada entre 12/05/2020 e 18/05/2020). O principal motivo declarado como impeditivo para tal recebimento pelos catadores é alguma irregularidade no Cadastros de Pessoa Física (CPF) ou erro informativo durante os cadastros ocasionados, por exemplo, por problemas de acesso ao aplicativo da Caixa Econômica Federal.

Outros motivos que dificultam o acesso ao recurso são casos como solicitação de mais de duas pessoas numa mesma residência pelo benefício, falta de conta bancária, dificuldades de acesso à conta poupança digital para o auxílio e falta de smartphone ou internet para realizar todo o procedimento de solicitação.

### ***Impactos sobre violência doméstica e sofrimento mental em catadores durante a pandemia COVID-19***

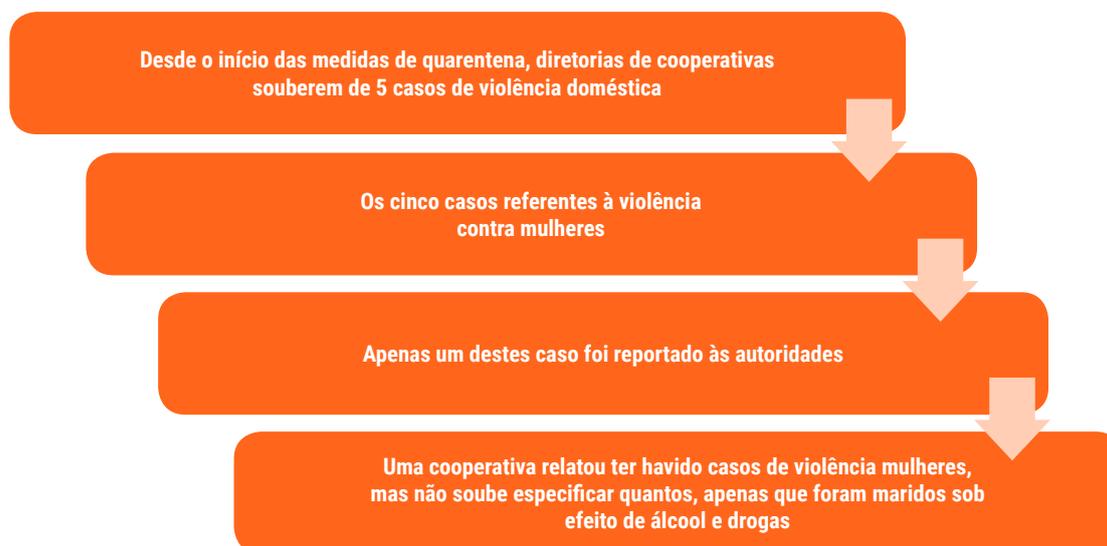
Com a quarentena, isolamento social, falta da rotina de trabalho e dificuldades financeiras e de subsistência, outros problemas podem se tornar alarmantes. Casos de violência doméstica foram uma das informações levantadas junto às cooperativas, em que se observa o cenário seguinte:

Mesmo assim, o quadro de violência doméstica sofrido por mulheres é um alerta significativo já que **54% dos 4391 catadores que compõem as cooperativas são mulheres.**

Outra informação levantada decorrente do mesmo cenário de dificuldades no ambiente doméstico, discorre sobre os impactos na saúde mental que estão sendo identificados pelas diretorias junto a seus cooperados. Importante ressaltar que se trata de uma identificação de sofrimentos mentais conforme as percepções de líderes das cooperativas. Logo, para inferir qualquer análise de maior rigor sobre transtornos mentais causados pela pandemia seria necessária uma investigação de maior amplitude e profundidade. Conquanto, os relatos apresentados servem de alerta e reforçam tal demanda.

Em 40% das cooperativas participantes deste levantamento, foram declarados já conhecimento de casos de sofrimento mental devido aos efeitos da

## Figura 9: Informações de cooperativas sobre violência doméstica



pandemia. Estresse e ansiedade foram os itens de maior incidência dentre as declarações. Os casos de ansiedade foram mais frequentemente relacionados ao anseio para o retorno ao trabalho e que, concomitantemente, está ligado aos relatos sobre estresse sofrido pelas dificuldades financeiras que se apresentam e, no caso dos grupos de risco, o isolamento social necessário durante a pandemia aliado a incertezas de garantia de renda durante esse isolamento.

As poucas pesquisas publicadas sobre o tema saúde mental durante a pandemia COVID-19 alertam para o fato de que, durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção. Uma pandemia, não apenas viral mas também psicológica, torna-se um de seus efeitos colaterais: “tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua ressonância em diferentes contextos” (ORNELL, Junho/2020, p. 232-235).

Medo de contágio, ansiedade com a imprevisibilidade e insegurança relativamente à manutenção dos postos de trabalho e estresse pelas dificuldades financeiras são, portanto, as correlações apresentadas. Sobre a evolução destes sofrimentos que iniciam pelo medo real e transpassam para ansiedade e estresse, Ornell discorre: “O medo é um mecanismo de defesa animal adaptável que é fundamental para a sobrevivência e envolve vários processos biológicos de preparação para uma resposta a eventos potencialmente ameaçadores. No entanto, quando é crônica ou desproporcional, torna-se prejudicial e pode ser um componente essencial no desenvolvimento de vários distúrbios

psiquiátricos. Em uma pandemia, o medo aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existent” (ORNELL, Junho/2020, p. 232-235).

Em uma cooperativa ainda foi diagnosticado com mais precisão a existência de três casos de síndrome do pânico entre seus cooperados, assim como o aumento de consumo de álcool e alguns relatos sobre suspeita de depressão aguda dentre cooperados idosos que se encontram em isolamento social.

### Considerações finais:

Os dados apresentados e analisados na segunda parte deste estudo, que compreende o período de março a maio de 2020, indicam uma rápida adaptação das cooperativas e associações de catadores de material reciclável às demandas de atendimento a protocolos de prevenção de contágio do COVID-19.

Este fator é comprovado quando se verifica que, no início deste período, quase nenhuma cooperativa estava funcionando normalmente e que, na segunda quinzena de maio, 44% já havia voltado ao funcionamento normal. A rápida adaptação aos protocolos exigidos pode ser o principal fator para a baixa incidência de casos de COVID-19 dentre os catadores das cooperativas analisadas, embora ressalte-se não ter havido uma aferição por catador INDIVIDUAL, sendo estes números provenientes de consultas às diretorias das cooperativas.

No entanto, observa-se também que as medidas de adaptação para funcionamento durante as restrições impostas pelo contexto pandêmico não amenizam os impactos econômicos sofridos por estas cooperativas,

já que se trata de uma variável apoiada em externalidades, tais como o mercado de commodities e restrições de operação de compradores e recicladores durante a pandemia.

Frente às dificuldades apresentadas e tendo em conta os impactos declarados quanto ao sofrimento mental e às condições sociais impostas pela fragilidade da situação socioeconômica destas trabalhadoras e trabalhadores, é necessário um monitoramento mais extenso e também minucioso. Ocorrências de violência doméstica, por exemplo, necessitam de levantamento de informações por catadora e catador, cruzadas com banco de dados de ocorrências policiais no contexto pandêmico. Da mesma forma, para construção de cenário mais exato sobre sofrimento mental, são necessários instrumentos de avaliação descritivos e questionários específicos sobre o tema. Ainda assim, vale a ressalva que os indicadores apresentados por este estudo, indicam que estes dois fatores – fatores – sofrimento mental e frágeis condições sociais – são recorrentes nos últimos meses e que estas investigações com maior acuidade são necessárias.

Considera-se o monitoramento realizado neste estudo como o esboço de um cenário de crise na área da reciclagem inclusiva, que merece ter continuidade uma vez que ainda não se tem ao certo uma análise de durabilidade dos efeitos de saúde pública, social e econômico decorrentes da pandemia COVID-19.

As informações levantadas por monitoramentos semelhantes devem ainda ser compiladas e servir de apoio para a construção de políticas públicas e privadas de suporte, de forma a que este setor produtivo tenha seus impactos minimizados e, assim, possa sobreviver ao período pandêmico para continuar alavancando os índices de reciclagem nacional e oferecendo no modelo de reciclagem inclusiva resultados positivos de sustentabilidade em suas esferas social, econômica e ambiental.

## Recomendações de Políticas

- Governos devem fornecer as condições que permitam às trabalhadoras e trabalhadores praticarem distanciamento espacial nos seus espaços de trabalho e para a adoção das medidas higiênicas recomendadas.
- Políticas de renda básica devem ser criadas através de formatos de fácil implementação, assim como o acesso às medidas emergenciais de segurança alimentar. Fazer parceria com organizações dos catadores e/ou ONGs de suporte é uma forma de agilizar a distribuição de ajuda alimentação

- Informações sobre o vírus e orientações práticas de prevenção devem ser rapidamente disponibilizadas em situações de pandemia, bem como o acesso a estações de abastecimento de água em locais de trabalho e pontos públicos, máscaras, sabão, álcool, gel, luvas, uniformes e botas.
- Catadores tanto cooperados quanto autônomos devem ter acesso rápido a testes e tratamento em função de sua alta exposição ao vírus, seja na atuação nos galpões de triagem ou nas ruas.
- Olhando para o futuro, é necessário reformular os serviços de coleta seletiva, incluindo-os como serviço essencial. As catadoras e catadores devem ser inseridos na categoria de trabalhadores essenciais de forma a levar em consideração: melhorias nos equipamentos e infraestrutura de coleta e triagem, alterar os contratos de prestação de serviços entre municípios e cooperativas com adição de planos de contingenciamento e cláusulas especiais para pagamento dos contratos em situação de pandemia, investimento na capacitação para a segurança do trabalho e investimento em equipamentos individuais e coletivos de proteção.
- As organizações de catadores e entidades parceiras deverão abraçar a causa da prestação de serviços com segurança, se comprometendo a contribuir na capacitação dos cooperados e no monitoramento do cumprimento dos protocolos de segurança.
- Importante investir na construção de cadastramento de catadores autônomos para ampliar a abrangência de atendimento e acesso às políticas públicas de assistência à catadores.

Por fim, vale lembrar que essa pandemia mostrou a estreita interconexão entre saúde, economia e meio ambiente exigindo um conjunto complexo de medidas de proteção social, medidas de controle sanitário, econômicas, psíquico sociais entre outras.

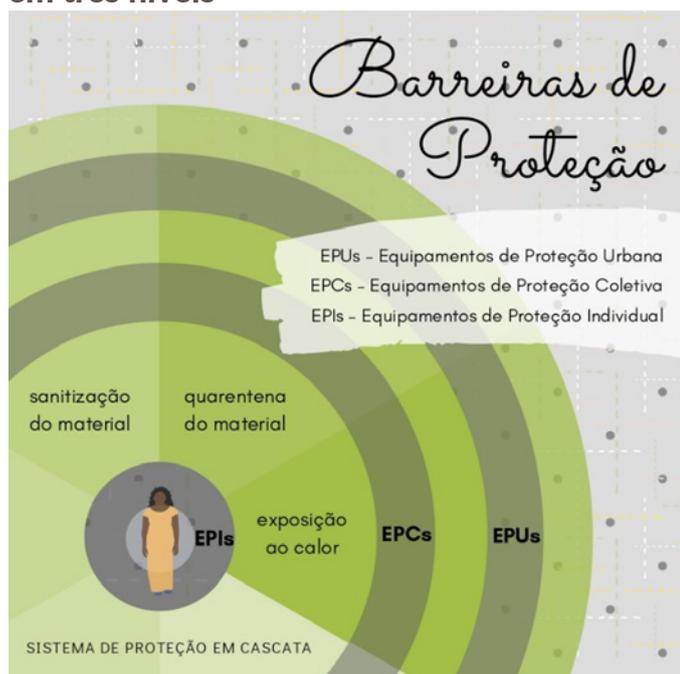
O Observatório da Reciclagem Inclusiva em seu manual operacional (ORIS,2020: 02) expressa bem a relevância de se pensar respostas à pandemia que fujam do

***dilema saúde x economia**, entre interromper a produção, privilegiando a saúde, ou continuar a produzir, privilegiando a economia. Nossa posição é a de que é possível produzir com segurança. Para isso é necessário reorganizar os serviços de coleta seletiva e os processos de trabalho nos galpões adotando medidas preventivas para evitar a infecção pelo novo coronavírus. Garantir a segurança dos catadores, seus familiares e vizinhos, como também*

da população em geral, durante a coleta ou no uso de transporte público, é condição indispensável para retomar as atividades.

O sistema de proteção em cascata desenhado pelo Observatório apresenta-se como importante inovação na integração de uma perspectiva que vá além da proteção individual introduzindo sistemas de proteção coletiva num sistema integrado de barreiras múltiplas.<sup>4</sup>

**Figura 10: Barreiras e ciclos de proteção em três níveis**



Nesse sentido, é importante uma remodelação total dos nossos sistemas de reciclagem inclusiva, levando em consideração que as catadoras e os catadores são parte e parcela da economia, abastecendo e sustentando o mercado da reciclagem. São prestadores de serviços à limpeza urbana e são agentes ambientais que contribuem na mitigação dos efeitos das mudanças climáticas. Logo, tanto governos quanto a indústria têm o dever de assegurar as condições necessárias que permitam que esses trabalhadores exerçam esse trabalho essencial.

Mais do que nunca precisamos de alianças estratégicas para mudanças transformativas no setor em que

catadores, governos, sociedade civil, a indústria e os cidadãos se comprometam efetivamente com a reciclagem inclusiva. Precisamos de um desenho ousado da reciclagem inclusiva que se subscreva à plataforma de trabalho decente. Não dá mais para retornar ao estado anterior - é mister dar um salto além. Precisamos de políticas transformativas e não somente remediativas!!!

## Referências

ABES. Recomendações para a gestão de resíduos em situação de pandemia por Coronavírus (COVID-19). Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental - ABES, março, 2020. Disponível em: <http://abes-dn.org.br/?p=33224>. Acesso: 27/05/2020.

Dias, S. (2011). Estatísticas sobre catadoras e catadores no Brasil. Boletim Estatístico N°2 da WIEGO.

MTE/CBO 2020. Ministério do Trabalho e Emprego - Classificação Brasileira de Ocupações disponível em <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf> Acesso: 04.06.2020.

ORIS - As atividades dos catadores e a Coleta Seletiva durante e após a pandemia da COVID19 - MANUAL OPERACIONAL. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://fosfatodigital.com.br/insea/jornal01/>; Acesso em junho de 2020.

Ornell, F., Schuch, J, Sordi, A, e Kessler, F. (2002). "Medo pandêmico" e COVID-19: Carga e estratégias para a saúde mental. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 232-235, Junho. Disponível em: Acessado em maio de 2020: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462020000300232&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462020000300232&lng=en&nrm=iso). Epub Apr 03, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>.

SOUZA, R. A. O lixo e a conduta humana: gestão dos insuportáveis na vida urbana. 2013. 243 f. Tese (Doutorado em Psicologia). - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

<sup>4</sup> Para um detalhamento do sistema de barreiras múltiplas desenvolvido ver ORIS, 2020

**Sobre a WIEGO:** Mulheres no Trabalho Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) é uma rede global que procura garantir meios de subsistência para trabalhadores pobres, especialmente mulheres, na economia informal. A WIEGO estimula a mudança ao capacitar organizações de trabalhadoras e trabalhadores informais, expandindo o conhecimento de base sobre a economia informal e influenciando políticas locais, nacionais e internacionais. Visite [www.wiego.org](http://www.wiego.org).